

CECIERJ
Formação Continuada em Língua Portuguesa
2º ciclo do 2º bimestre da 2ª Série do Ensino Médio

RA – VERSÃO FINAL – ROMANCE NO NATURALISMO/ARTIGO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

1 João Romão foi, dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos refolhos do bairro do Botafogo; e tanto economizou do pouco que ganhara nessa dúzia de anos, que, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe deixou, em pagamento de ordenados vencidos, nem só a venda com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro.

5 Proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo travesseiro de um saco de estopa cheio de palha. A comida arranjava-lha, mediante quatrocentos réis por dia, uma quitandeira sua vizinha, a Bertoleza, crioula trintona, escrava de um velho cego residente em Juiz de Fora e amigada com um português que tinha uma carroça de mão e fazia fretes na cidade.

10 Bertoleza também trabalhava forte; a sua quitanda era a mais bem afreguesada do bairro. De manhã vendia angu, e à noite peixe frito e iscas de fígado; pagava de jornal a seu dono vinte mil-réis por mês, e, apesar disso, tinha de parte quase que o necessário para a alforria. Um dia, porém, o seu homem, depois de correr meia légua, puxando uma carga superior às suas forças, caiu morto na rua, ao lado da carroça, estrompado como uma besta.

15 João Romão mostrou grande interesse por esta desgraça, fez-se até participante direto dos sofrimentos da vizinha, e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras. Abriu-se com ele, contou-lhe a sua vida de amofinações e dificuldades. “Seu senhor comia-lhe a pele do corpo! Não era brinquedo para uma pobre mulher ter de escarrar pr’ ali, todos os meses, vinte mil-réis em dinheiro!” E segredou-lhe então o que tinha juntado para a sua liberdade e acabou pedindo ao vendeiro que lhe guardasse as economias, porque já de certa vez fora roubada por gatunos que lhe entraram na quitanda pelos fundos.

20 Daí em diante, João Romão tornou-se o caixa, o procurador e o conselheiro da crioula. No fim de pouco tempo era ele quem tomava conta de tudo que ela produzia e era também quem punha e dispunha dos seus pecúlios, e quem se encarregava de remeter ao senhor os vinte mil-réis mensais. Abriu-lhe logo uma conta corrente, e a quitandeira, quando precisava de dinheiro para qualquer coisa, dava um pulo até a venda e recebia-o das mãos do vendeiro, de “Seu João”, como ela dizia. Seu João debitava metodicamente essas pequenas quantias num caderninho, em cuja capa de papel pardo lia-se, mal escrito e em letras cortadas de jornal: “Ativo e passivo de Bertoleza” .

30 E por tal forma foi o taverneiro ganhando confiança no espírito da mulher, que esta afinal nada mais resolvia só por si, e aceitava dele, cegamente, todo e qualquer arbítrio. Por último, se alguém precisava tratar com ela qualquer negócio, nem mais se dava ao trabalho de procurá-la, ia logo direito a João Romão.

Quando deram fé estavam amigados.

35 Ele propôs-lhe morarem juntos e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua.

AZEVEDO, Aluísio. O Cortiço. Apresentação: Elizabeth Dias Martins. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC, 2004, p. 13-14.

[TRECHO REMOVIDO]

6) Releia o fragmento transcrito do texto.

Proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações.

⇒ Nota-se que ocorre a junção da preposição **a**, exigida pelo verbo “atirar-se”, e do artigo **a**, admitido pelo substantivo “labutação”. Trata-se do fenômeno denominado crase. **Crase** é a junção da preposição “a” com o artigo definido “a(s)”, ou ainda, da preposição “a” com as iniciais dos pronomes demonstrativos *aquela(s)*,

aquele(s), aquilo ou com o pronome relativo *a qual (as quais)*. Graficamente, a fusão das vogais “a” é representada por um acento grave, assinalado no sentido contrário ao acento agudo: *à*.

Agora, observe o trecho retirado do romance *O cortiço* e explique por que não ocorreu, neste caso, o fenômeno da crase.

João Romão mostrou grande interesse por esta desgraça, fez-se até participante direto dos sofrimentos da vizinha, e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras. Abriu-se com ele, contou-lhe a sua vida de amofinações e dificuldades. “Seu senhor comia-lhe a pele do corpo!”

Habilidade trabalhada: Identificar mecanismos linguísticos no uso da regência e da crase.

Resposta comentada: A partir das explicações contidas na própria questão, é importante que o professor explicita a regra básica de formação da crase (preposição + artigo). Na passagem especificada no enunciado, há o artigo **a** que antecede os substantivos femininos “mulher” e “vida”, porém não ocorre preposição **a**. A realização do fenômeno da crase não é aleatória e, por conta disso, analisar os diferentes contextos em que ocorre seria interessante em uma atividade adicional em sala de aula. Importa ainda lembrar aos alunos de que se trata de um fenômeno gramatical inserido no estudo da regência verbal e da regência nominal. O professor deve aproveitar o espaço para a discussão sobre como utilizar a preposição “a” nos diferentes contextos, os valores que apresenta, além de diferenciá-la do artigo *a*, do pronome oblíquo *a* e do pronome demonstrativo *a*. Vale também mencionara dica de substituição do “à” por “ao” para confirmar a presença da crase (ex.: *Fui à farmácia*. Substituindo o “à” por “ao” ficaria: *Fui ao supermercado*). Finalmente, é possível listar os casos em que não ocorre crase: antes de palavras masculinas, antes de verbos, de pronomes pessoais, de nomes de cidade que não utilizam o artigo feminino, da palavra *casa* quando tem significado do próprio lar, da palavra *terra* quando tem sentido de solo e de expressões com palavras repetidas (*dia a dia*).

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO DE TEXTO

No último parágrafo do texto, o narrador refere-se a Bertoleza, observando que essa personagem, embora cafuza, “[...] não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua.” Tal atitude expõe a questão do preconceito racial, presente nesse texto.

Tem-se afirmado que, no Brasil, não há discriminação racial, no entanto há opiniões contrárias a essa, como a apresentada pelo reitor da Universidade de UniPalmares, José Vicente. Leia um fragmento da entrevista onde o reitor manifesta seu ponto de vista:

José Vicente

Somos um País de sacis-pererês

O reitor da universidade UniPalmares afirma que negro rico não se livra do racismo e que o Brasil ignora sua perna negra

Por Milton Gamez

ISTOÉ -

Qual é a real situação do negro no País?

JOSÉ VICENTE -

É preocupante. Oito em cada dez jovens que morrem até os 23 anos são negros. A mulher negra ganha 50% a menos que um homem negro e esse mesmo homem negro ganha metade do que um branco na mesma função e com a mesma qualificação. Temos quase dez programas infantis na tevê, nenhum deles apresentado por um negro. A maior universidade da América Latina, a USP, tem 5,4 mil professores. Desses, apenas quatro são afro-descendentes. Só 3,4% das 500 maiores empresas do país possuem negros em cargos de direção. Nas redações de jornais quase não há profissionais negros. E, olhe só, vivemos num País em que metade da população se assume como afro-descendente. O Brasil faz questão de esconder metade de sua população. Somos um país de sacis-pererês. Nos falta uma perna que é a outra metade, a dos excluídos de tudo. Precisamos de um país por inteiro. Precisamos mudar essa realidade.

PRODUZINDO UM ARTIGO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

A partir da leitura do fragmento de *O cortiço*, você pôde perceber que a questão do preconceito racial está presente no romance e, infelizmente, em nossa realidade desde tempos remotos até a atualidade.

⇒ Sua tarefa é escrever um artigo de divulgação científica sobre o preconceito racial no Brasil. Siga estas orientações.

- Reúna-se com um grupo de colegas e façam uma pesquisa em livros, jornais, revistas e na *Internet* sobre esse assunto;
- leia as informações com os colegas e anotem o que for mais importante. Discutam as ideias e planejem qual vai ser o título, a ideia principal e os argumentos. Estes podem se basear em dados estatísticos, exemplos, comparações, entre outros recursos. Decidam também como será a conclusão;
- pensem em que tipo de público vocês desejam atingir. Empreguem linguagem clara, objetiva, impessoal e a variedade padrão, no registro formal ou informal, conforme o público em mente.

Antes, porém, leia uma definição de ARTIGO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA.

ARTIGO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA é um gênero discursivo que tem por objetivo promover o contato do leitor com o universo da ciência e da tecnologia. Para alcançar esse objetivo, faz uso de uma linguagem mais simples e direta, “traduzindo” conceitos e termos técnicos por meio de analogias baseadas em referências conhecidas do leitor.

Vamos lá, mãos à obra!!!

Habilidade trabalhada: Produzir um artigo de divulgação científica, pautando-se nos conhecimentos adquiridos.

Comentário: A partir da leitura do texto gerador I e da reportagem disponibilizada em um site da *internet*, a atividade procura despertar o aluno para uma reflexão sobre a realidade na qual está inserido: a desigualdade social. A atividade busca também um trabalho de pesquisa e em equipe, instâncias que devem ser valorizadas em uma sala de aula. Dessa forma, o texto literário torna-se um mote para que questões sociais sejam discutidas, fazendo com que nossos alunos se informem. A informação é essencial para que bons textos sejam produzidos, principalmente em se tratando de alunos que estão sendo preparados para o Enem, cuja preocupação temática se baseia em temas de cunho social. É importante lembrar que a tarefa pede que o aluno apresente seu texto a partir de uma estrutura formal dos textos argumentativos, nos quais o artigo de divulgação científica se insere.

Palavras-chave: Naturalismo – romance – crase - artigo de divulgação científica – produção textual

RELATO/AVALIAÇÃO PESSOAL QUANTO À APLICAÇÃO DO RA:

Sabemos quão importantes são as atividades de leitura de obras literárias em contextos escolares e a rejeição que muitas vezes nossos alunos empreendem diante dessas atividades. Entretanto, há algumas estratégias docentes que podem garantir o interesse da turma, garantindo a aproximação dos textos literários dos alunos. Neste bimestre, através da aplicação do RA, além de outras atividades, como a leitura de outros capítulos das obras, posso dizer que o saldo foi positivo. Ainda não fizemos avaliações bimestrais nem o SAerjinho, mas o interesse de muitos alunos foi observado principalmente quando propus a realização de uma mostra literária, na qual os alunos deveriam dramatizar cenas focando a personagem Bertoleza. Ficou então combinado que transformaríamos alguns fragmentos do romance em texto dramático e alguns alunos dramatizariam as cenas. Para compor a mostra, também será realizado um desfile de personagens (naturalistas e realistas), como se fosse um desfile de modas. Essa atividade demonstra o interesse da turma em relação ao conteúdo estudado. Assim, mesmo ainda não acontecendo as avaliações, já percebo um resultado mais favorável. Parece que realmente as características do Naturalismo (e também as do Realismo) serão identificadas pelos alunos

Uma atividade que está sendo mais difícil é a produção do artigo de divulgação científica. Esse foi um dos gêneros mais difíceis para os alunos produzirem.

BIBLIOGRAFIA

ABAURRE, Maria Luiza M.; PONTARA, Marcela. **Literatura brasileira:** tempos, leitores e leituras. São Paulo: Moderna, 2005.

_____; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. **Português:** contexto, interlocução e sentido. São Paulo: Moderna, 2010.

SARMENTO, Leila Lauer. **Oficina de redação.** São Paulo: Moderna, 2006